

**Paisagens artificiais**  
**Mariano Klautau Filho**  
**2013**

Na trama entre a natureza e a cultura, entre a fotografia e a paisagem, observamos a enorme extensão que a imagem pode abranger na experimentação das poéticas. O movimento veloz da paisagem de Ana Mokarzel e a beleza dos seus rastros de cor quase nos iludem com seus efeitos pictóricos. Porém, a sequência que dá corpo à paisagem nos leva do pitoresco ao sinistro. A paisagem que vemos passar é um lago morto, um não-lugar no espaço da estrada – o Km 14 do título – com restos de árvores queimadas. Um lugar modificado violentamente pelo homem, uma paisagem agressiva, quase oculta pela vegetação verde que se dilui no primeiro plano das imagens.

A natureza está presente nos interiores de Mariana Galender e nos exteriores de Ismael Monticelli. Em *O Deserto dos Tártaros*, Monticelli fotografa paisagens lunares, nevadas, marítimas, distantes e que remetem a geografias isentas da presença humana cuja força da natureza é soberana. Porém, tudo se constrói engenhosamente, caprichosamente em miniaturas, tendo o “dom naturalista” da imagem fotográfica a seu favor. Pequenas paisagens naturais inventadas em microcenários de maquete transformam em grandes espaços envolventes. A alusão à obra homônima de Dino Buzatti pode conter algumas chaves de leitura em que não só a representação da natureza é um desafio à vontade humana, mas também na qual a imagem fotográfica é um jogo verossímil e eficiente para inventar lugares.

Em *Fuga #3 – Lugares que Queriam Ser Casa*, a natureza representada pelas imagens de Mariana Galender é idealizada, enquadrada e organizada para enfeitar salas e aposentos. Poltronas, tapetes, mesas de ambientes que parecem compartimentos de convivência social são adornados por quadros, aquários, pinturas de paisagem. O intuito desses lugares é criar um ambiente em que a vida natural se instale e ofereça um conforto familiar apoiado na aproximação de uma certa natureza, ainda que seja artificial.

Os trabalhos de Pedro Cunha e Maura Grimaldi tomam o espaço urbano como interface da presença humana na natureza. A cidade aparece como obra ordenada,

quieta, harmônica nos tipos de enquadramento rigorosamente gráficos; signos catalogáveis de uma solidez adquirida, construída. Porém, os silêncios que perpassam as imagens abrigam peculiaridades.

Miragem urbana, de Pedro Cunha, usa o formato panorâmico para dar amplitude aos ambientes internos, tranquilos na idealização de uma cidade-miragem na qual a arquitetura promoveria a intersecção perfeita entre realidade construída e paisagem sonhada. Já as Esquinas, igualmente quietas, de Maura Grimaldi, contém a ordenação, a concretude gráfica organizada pela artista na forma de quadrantes. O rigor plástico de certo traço construtivista, deixa entrever na aproximação mais íntima do olho com a imagem, o aspecto noturno, evasivo, misterioso de um cenário a ser preenchido na escolha por qual caminho tomar diante de uma esquina: “E é justamente diante de duas direções que se encontra uma esquina; ela é o encontro de duas vias que abrem uma a outra”, diz a artista. Em ambos os trabalhos, a figura humana está latente nos lugares, seja por uma vontade idealizadora e olhar enganado pela miragem, seja pela dúvida e pelo percurso errante na aparente quietude no traçado das fachadas.

Em (Des)ocupação, de Lucio Adeodato, e Destraços\_contra\_tempo, de Heber Bezerra, a cidade moderna do século XX ou a cidade histórica de um passado glorioso são vistas por dois microcosmos: um prédio abandonado no centro de São Paulo e um muro como anteparo diante da paisagem de Ouro Preto. Ambos operam com os vestígios da transitoriedade, representam a passagem de vidas e nomes que ocupam provisoriamente o ambiente urbano, não mais idealizado pelo projeto progressista, e sim em situação de limite. As imagens de Adeodato flagram a intimidade de quartos, salas e vãos de um edifício que se tornou residência de grupos sem moradia fixa. O improvisado das instalações, os móveis e objetos pessoais falam de um lugar sem passado nem futuro; imagens “capturadas num intervalo de tempo em que o local não tem pertencimento, não é nem dos antigos proprietários nem dos movimentos sociais que lá estão”, informa o artista. Na composição das imagens, uma vida ordenada se revela, na tentativa do abrigo em meio ao imprevisível da condição social.

Em Destraços\_contra\_tempo, Heber Bezerra fotografa um muro onde vemos registrados diversos nomes, riscados anonimamente como personagens sem rosto, inscritos na paisagem urbana de Ouro Preto. Fotografados e manipulados em vídeo, os nomes ganham movimento e se apagam no curso do tempo. O desenho sonoro da

videoinstalação insere ruídos compondo uma paisagem de vestígios, recriando uma Ouro Preto soturna e projetada para o futuro.

[Texto publicado originalmente no catálogo da exposição do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, realizada na Casa das Onze Janelas, Belém/PA, 2013.]